

Editorial (volume 7, número 1, 2006)

No momento em que o Centro de Ciências da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, vem preparando-se para mudanças, tanto no que se refere ao espaço físico, com a transferência de seus cursos e toda estrutura acadêmica para prédio próprio, quanto na nomenclatura, que com a vigência do novo Estatuto e Regimento, passa a chamar-se Centro de Ciências Humanas e da Educação, os seus horizontes ganham amplitude e mais se afirma a responsabilidade desta Revista para com seus colaboradores e leitores.

A PerCursos, Revista do Centro de Ciências Humanas e da Educação, neste sétimo volume, vem publicar artigos recebidos de colaboradores, dando continuidade aos volumes anteriores e mantendo a periodicidade. O Conselho Editorial da Revista PerCursos deliberou que, a partir deste ano de 2007, seus números serão disponibilizados através do sistema *online*, ampliando sua divulgação dos artigos científicos e incorporando-se as novas tecnologias de informação e melhor atender as demandas da pesquisa e a publicação de pesquisas pelos colaboradores. Como Revista ligada a um Centro de Educação de uma Universidade pública, tem a função prioritária de fazer circular conhecimentos e socializar pesquisas tanto em nível local, quanto regional e nacional.

Neste volume, estão sendo publicados dois artigos, um relato de experiência e dois relatos de pesquisa, além de uma resenha. Os artigos abrem com um assunto que remete a leitores e livros, destacando a Livraria Rosa, inaugurada em 1944, na história editorial de Florianópolis como a primeira livraria dedicada exclusivamente à venda de livros, novos e de usados, na capital, diferenciando-se dos serviços de papelaria e tipografia, destinando apenas algumas seções de suas estantes aos livros. Conforme mostra o historiador Felipe Mattos, esta livraria veio contribuir para cosmopolitizar a cidade, consolidar os hábitos de leitura, alterar a percepção acerca do objeto-livro e consolidar-se como um dos redutos de sociabilidade intelectual de sua época.

Com o artigo “Professor Orestes Guimarães: porta voz do Progresso e da Civilização”, Gladys Mary Teive Auras nos apresenta o professor Orestes Guimarães, que, em 1911, foi contratado pelo governo do Estado de Santa Catarina para modernizar a instrução pública catarinense, prometendo proporcionar aos professores da rede pública as estruturas objetivas capazes de assegurar as condições para a produção e para o exercício de uma nova cultura escolar, sintonizada com as referências na época consideradas importantes para o progresso e a civilização do povo. Ao criar condições para a consolidação de um sistema de ensino e a construção de um orgânico sistema de pensamento, identificado com determinados interesses da sociedade brasileira no período republicano, observa a autora que o processo civilizador era pauta das políticas educacionais da época.

Seguindo no enfoque educacional, José Eduardo Franco analisa as reflexões do Padre Manuel Antunes, s.j. (1918-1985), com especial incidência sobre a reforma universitária portuguesa na linha do seu pensamento pedagógico assente no ideário de formação do homem todo e de todo o homem, percebendo sua contribuição no que chama de “Educação para a democracia no fim da ditadura em Portugal”. Como pano de fundo, mostra que os textos antunianos podem ser considerados uma espécie de “Paidéia” fundamental para repensar a educação em Portugal assente num projeto mais vasto e mais fundo de cultura, na transição da ditadura para a democracia.

Com o tema “Comunicação, Linguagens e Tecnologias no Cotidiano Escolar”, Maria Salete Prado Soares relata uma pesquisa realizada em uma escola estadual de São Paulo, onde mostra a importância e o reconhecimento, por parte do professor, do uso dessas novas linguagens e tecnologias nas práticas pedagógicas cotidianas. A autora evidencia a necessidade de diálogo e

sintonia dos professores com as novas formas de expressão juvenis, bem como a compreensão do papel que os media desempenham nas lógicas de produção do saber, a partir de práticas pedagógicas mais dialógicas, planejadas coletivamente pelos docentes, que contemplem a cultura juvenil, as novas tecnologias da comunicação e informação e que possibilitem a expressão dos alunos nas novas linguagens e a formação de ecossistemas comunicativos.

A revista traz, ainda, dois relatos de experiências de pesquisa, sendo o primeiro apresentado por Carlos Eduardo Henning, a reflexão de um Geógrafo sobre os primeiros contatos teóricos com alguns dos métodos e técnicas de pesquisa em Antropologia, onde aborda as impressões e processos subjetivos desenvolvidos frente a algumas discussões (conceitos, idéias, instrumentos teóricos, etc.) suscitadas pelos primeiros contatos com os métodos e técnicas de pesquisa em Antropologia - a subjetividade nas etnografias, os diferentes modos de feitiço etnográfico e o processo de sentir-se afetado pelo universo do outro. Aborda a idéia de antropologia como uma ciência que é também arte, assim como a questão da percepção do antropólogo como autor, dialogando com diversos autores. No outro relato, Manoel Andrade Neto e Selma Elaine Mazzetto, descrevem a experiência de um Programa de Educação baseado em células cooperativas (Prece), no interior do Estado do Ceará, desde sua fundação (1994) até os dias atuais. Tendo como base o estudo em grupos, o Programa possibilita compartilhar conhecimentos e socializar experiências, onde os estudantes atuam como protagonistas, em uma iniciativa de cidadania e transformação social.

E, finalmente, a obra de Robert Darnton, “Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII”, resenhada pelo historiador Emerson César de Campos, mostrando a excelente contribuição para os estudos sobre aquele século, indicado como leitura obrigatória e um convite à corajosa aventura da escrita da história.

Marlene de Fáveri e Maria Lourdes Blatt Ohira
Editoras